

La Comédiathèque

Jean-Pierre Martinez

Nicotina

comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>**

Nicotina

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Trabalhar ou não trabalhar, eis a questão.
Durante uma pausa para fumar, mesmo que seja com um cigarro eletrónico,
alguns viciados no trabalho trocam ideias entre nuvens de fumo.

*Distribuição muito flexível, com cerca de quarenta papéis masculinos ou femininos.
O mesmo intérprete pode desempenhar várias personagens.*

O que parece ser um terraço. Entram duas personagens, homens ou mulheres. Começam a fumar e divagam, observando as espirais de fumo que saem dos cigarros, eventualmente eletrónicos.

Yael – Sabias que as partículas podem estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo?

Alex – As partículas?

Yael – As partículas elementares! Os fotões, se preferires. Segundo a física quântica, pelo menos.

Alex – Tens a certeza de que estás a fumar nicotina?

Yael – Não, a sério. Ouvi falar disso ontem na rádio.

Alex – Sim. Bem, dava-me jeito ser uma partícula, sabes? Podia estar na reunião que tenho hoje às cinco e, ao mesmo tempo, buscar a minha filha à saída da escola.

Yael – Era uma maravilha poder estar em dois sítios ao mesmo tempo. Imagina: no sábado de manhã, na fila da caixa do supermercado com a tua cara-metade e, ao mesmo tempo, na cama com a tua amante, num hotel de charme no campo.

Alex – E, quando voltássemos, tínhamos o frigorífico cheio. Ninguém desconfiaria de nada.

Yael – Nem seria necessário ter um álibi.

Alex – Poderíamos continuar a falar sobre infidelidade?

Yael – O adultério implica coexistência. Não se é infiel com os parceiros conhecidos antes ou depois do casamento. No entanto, a física quântica descreve um estado da matéria onde a própria noção de tempo é suspensa.

Alex – Portanto, as partículas nunca são encornadas. É de fazer sonhar.

Yael – Sem tempo não há causalidade e, portanto, não há culpa.

Alex – Isto não me parece muito católico.

Yael – Parece que Deus não governa o infinitamente pequeno. A física quântica é uma teoria da orgia generalizada.

Alex – Infelizmente, as minhas partículas não obedecem às leis da física quântica.

Yael – Tens razão... Nós estamos antes sujeitos à lei do azar, que nunca falha.

Alex guarda o seu cigarro eletrónico.

Alex – Bom, tenho de voltar. Duvido que o meu chefe perceba alguma coisa de física quântica. Vais-te rir, mas ainda acredita que, quando estou numa pausa, não estou a trabalhar.

Yael – O que demonstra a sua profunda ignorância. Se ele soubesse o alto nível das conversas que podemos ter durante uma pausa para fumar.

Yael também guarda o seu cigarro.

Alex – É verdade que cada vez nos olham pior, nós, fumadores.

Yael – Por isso, na segunda-feira, eu deixo de fumar.

Alex – Já ouvi isso antes.

Yael – Não, não, garanto-te. Desta vez é a sério.

Alex – Porque esperas até segunda-feira então?

Yael – Hoje à noite vou buscar a minha sogra. Vem passar o fim de semana connosco. E acredita: um fim de semana com a minha sogra não é a melhor altura para deixar de fumar.

Alex – Já percebi...

Yael – Também tens sogra?

Alex – Podemos escolher não casar, mas não podemos escolher não ter sogra.

Yael – A menos que cases com um órfão...

Alex – De preferência, abandonado à nascença e sem família conhecida. Assim nem temos de levar crisântemos ao cemitério no Dia de Todos os Santos...

Yael – Isso leva-nos de volta à mecânica quântica. Um gato tem de estar morto ou vivo. E para as sogras, é a mesma coisa...

Alex – Um gato?

Yael – Nunca ouviste falar do gato de Schrödinger?

Alex – Não.

Yael – Era um físico, contemporâneo de Einstein, que pôs em causa a interpretação da física quântica.

Alex – E então, ele tinha uma sogra.

Yael – Explico-te outro dia. Tenho de me lembrar de abastecer o carro. Não quero ficar sem gasolina na autoestrada quando for buscar a minha sogra.

Saem. Entra um homem, seguido pouco depois por uma mulher. Os olhares cruzam-se, mas não parecem conhecer-se e desviam logo os olhos. Ele tira um cigarro eletrónico; ela faz o mesmo. O homem finge procurar qualquer coisa nos bolsos e aproxima-se.

António – Desculpa, tens lume?

Ela parece desconcertada.

Clara – Mas isso é um cigarro eletrónico, não é?

António – Tens razão, desculpa. Agora que deixei de fumar, tenho de modernizar um pouco as minhas técnicas de engate.

Clara – Se me permites, devias tê-las modernizado já no final dos anos oitenta, não achas?

António – Tem um pouco de paciência. Nós, os homens, somos tão frágeis! Não é fácil ser um homem moderno.

Clara – Isso faz-me lembrar uma canção que a minha mãe costumava ouvir.

António – Na verdade, só queria fazer-te rir. Mas parece que não resultou.

Clara – Percebo. Portanto, o pedido de lume era uma piada. Nesse caso, parabéns, muito engraçada. Só lhe faltava um aviso: «Atenção, isto é uma piada».

António – Também sou engraçado sem querer, sabes? Fazer rir é uma segunda natureza para mim. Às vezes só percebo as minhas próprias piadas depois de as contar. Há muito tempo que deixaste de...?

Clara – De fazer piadas?

António – De fumar.

Clara – Ah não, mas nunca fumei cigarros. Ainda não. Na verdade, só vapeio para experimentar.

António – Para experimentar?

Clara – Para ver se gosto mesmo.

António – Ah, já percebi...

Clara – E se gostar, passo aos cigarros a sério, com tabaco a sério. Parece-te uma parvoíce?

António – De maneira nenhuma.

Clara – Mas é uma parvoíce absoluta.

António – Então, agora estás a gozar comigo?

Clara – Exatamente. E no meu caso, acredita, é completamente intencional. Só sou engraçada quando decido ser.

António – Bem... Então estamos empatados. Também aprecio que uma mulher tenha sentido de humor, sabes? E devo admitir que no início temi que estivesses totalmente desprovida dele.

Clara – Agora estou mais tranquila. Eu temia já te ter desiludido. Mas diz-me, quando falas do sentido de humor numa mulher, referes-te à capacidade dela para rir das tuas próprias piadas, sejam intencionais ou não?

Ele fica desconcertado por um momento.

António – Que tal fazermos uma pausa?

Clara – Ia sugerir o mesmo. Afinal, estamos aqui para isso, não estamos?

Ambos vapeiam em silêncio.

António – De qualquer forma, nunca funcionaria entre nós.

Clara – Já acabou a pausa?

António – Trabalhamos na mesma empresa...

Clara – Diz-se que uma em cada três pessoas conhece o seu parceiro no trabalho.

António – Imagina voltar juntos à noite para o nosso pequeno apartamento nos subúrbios e perguntar como foi o nosso dia, quando trabalhamos no mesmo escritório.

Clara – Trabalhamos no mesmo escritório?

António – Não te chamei a atenção, está bem. Mas se não reparaste, precisas de óculos.

Clara – Também estou a gozar contigo. Vês como ainda podemos surpreender-nos mutuamente, mesmo depois de trabalharmos juntos o dia todo no mesmo escritório durante três meses.

António – Estás aqui há três meses?

Clara – Prefiro pensar que essa foi mais uma das tuas piadas involuntárias. Caso contrário, ficava ofendida. Mas tens razão: a longo prazo, seria insuportável.

António – Bem, então só vejo uma solução.

Clara – Qual?

António – Demito-me.

Clara – Não tenho a certeza de preferir sair com um desempregado em vez de um colega de escritório. Nem sequer terias dinheiro para pagar a renda do teu pequeno apartamento nos subúrbios, onde pensavas convidar-me para passar dias felizes contigo.

António – É incrível como as mulheres conseguem ser tão terra a terra.

Ela sopra ostensivamente o vapor do seu cigarro na cara dele.

Clara – Os príncipes encantados raramente estão no desemprego.

Ela guarda o seu cigarro eletrónico.

António – Poderíamos vapear juntos alguma vez?

Clara – Então, talvez noutra ocasião.

António – Lembro-te que trabalhamos no mesmo escritório. É pouco provável que não nos voltemos a ver nunca mais.

Clara – Essa é uma boa razão para não arriscarmos dormir juntos.

Ela sai. Ele fica um momento perplexo. Continua a fumar um pouco e depois também sai.

Chegam duas personagens, homens ou mulheres. Acendem um cigarro, possivelmente eletrónico. Um silêncio algo incómodo.

Cláudio – Conhecias aquele homem?

Domi – Sim, bem... De vista... Via-o de vez em quando aqui durante a sua pausa para fumar... E tu?

Cláudio – Trabalhava no escritório ao lado do meu.

Domi – Mmm...

Cláudio – Se tivéssemos suspeitado de algo...

Domi – Suspeitado de quê?

Cláudio – Do que lhe ia acontecer.

Domi – Mmm... E o que é que poderíamos ter feito?

Cláudio – Não sei... Podíamos ter tentado algo...

Domi – Ah sim... E o quê, por exemplo?

Cláudio – Tens razão, não podíamos ter feito nada.

Domi – Exatamente.

Cláudio – É o destino.

Domi – Então não temos nada de que nos arrepender.

Um momento. Fumam.

Cláudio – A mulher dele decidiu cremá-lo. Parece que era o que ele queria.

Domi – Sim, claro...

Cláudio – Porquê? Ele mencionou-te isso?

Domi – Ele pegou fogo a si próprio... Pode-se deduzir que tinha uma certa preferência pela cremação.

Cláudio – Mmm...

Domi – E além disso, para a cremação, já está feito o mais difícil.

Cláudio – A verdade é que não foi uma imolação. Foi um acidente.

Domi – Um acidente... Vais reconhecer que a esse nível de atrapalhão, ainda podemos falar de um ato falhado, não achas?

Cláudio – Acender um cigarro enquanto se enche o depósito do carro com um jerricã de gasolina... É suicida.

Domi – Sobretudo na berma de uma autoestrada. *(Uma pausa.)* Foi antes ou depois de o camião o atropelar?

Cláudio – Antes de quê?

Domi – Antes de ele pegar fogo como uma tocha.

Cláudio – Acho que depois. Começou a correr como se quisesse atravessar a autoestrada. O condutor do camião tentou desviar-se, mas não conseguiu.

Domi – Ainda bem que o camião não pegou fogo também.

Cláudio – Era um camião de bombeiros. Podemos dizer que teve sorte no azar. Pôde receber os primeiros socorros de imediato.

Domi – Infelizmente, já era tarde demais.

Cláudio – Que ideia atravessar assim, sem olhar. Como um louco.

Domi – Embora, já estivesse envolto em chamas.

Cláudio – Quem sabe o que ele estava a procurar do outro lado da autoestrada.

Domi – Isso... nunca saberemos...

Cláudio – Mmm... Vai levar o segredo para a campa... Ou melhor, para a urna...

Domi – Deve ser por isso que se fala no segredo das urnas.

Cláudio – Achas?

Domi – Não, estou a brincar...

Cláudio – Também me parecia...

Domi – Mas tinhas razão antes. Se tivéssemos suspeitado de algo, ainda podíamos ter feito alguma coisa.

Cláudio – O quê?

Domi – Podíamos ter tentado convencê-lo a deixar de fumar.

Cláudio – Os cigarros... deviam ser proibidos! Sabes quantas pessoas morrem todos os anos por causa do tabaco?

Domi – Bem, ele não morreu diretamente pelos efeitos nocivos do tabaco na saúde...

Cláudio – Se não tivesse acendido um fósforo junto ao jerricã depois de ficar sem gasolina na autoestrada, a caminho de casa da sogra, hoje estava aqui a fumar connosco.

Domi – É o destino, digo-te. Bem, vamos?

Estão prestes a ir embora.

Cláudio – Parece que encontraram um gato preto no separador central da autoestrada. Pergunto-me se isso lhe trouxe azar.

Domi – E o gato, sobreviveu?

Cláudio – O gato? Não sabemos se está vivo ou morto.

Domi – Talvez ele tenha tentado atravessar a autoestrada para salvar o gato...

Saem. Chega uma mulher para fumar. Outra junta-se pouco depois. Trocam um sorriso educado. O telemóvel da segunda toca e ela atende.

Patrícia – Olá? Eu disse-te para não me chamares aqui. Sim, eu sei que é um telemóvel, mas a esta hora sabes muito bem que estou no escritório. Escuta, falamos mais tarde, está bem? E entre nós, um de perdido, dez de encontrados, não é? Bem, tenho mesmo que desligar. Não posso falar aqui, estou numa reunião... Não, eu é que te vou ligar...

Guarda o telemóvel e olha incomodada para a outra que finge não ter ouvido nada.

Cristel – És nova por aqui? Nunca te tinha visto.

Patrícia – Há uma semana. Antes trabalhava no rés do chão e vinha fumar cá fora. Mas a empresa foi transferida para outro país.

Cristel – Há uma coisa que não percebo: as empresas vão para países onde os salários são mais baixos, mas as pessoas desses países vêm para cá à procura de trabalho.

Patrícia – E tu?

Cristel – Estou cá há quinze anos.

Patrícia – Quinze anos! Então deves gostar disto...

Cristel – Bem... Quando entrei, não pensei ficar tanto tempo. Depois faltou-me coragem para procurar outro emprego. E agora duvido que alguém me queira contratar.

Patrícia – Compreendo. Um contrato de trabalho é um pouco como um contrato de casamento. Se o meu ex não me tivesse posto na rua, também não sei se teria tido coragem de procurar outra coisa. A propósito, desculpa há pouco...

Cristel – Era o teu ex?

Patrícia – A minha mãe.

Cristel – Ah... É muito mais difícil livrar-se de uma mãe do que de um ex...

Patrícia – Com certeza por isso não existe o termo ex-mãe... Perdeu o gato dela.

Cristel – A tua mãe chama-se Michelle?

Patrícia – Conheces a minha mãe?

A outra esboça um sorriso.

Cristel – Não. Estava a pensar numa velha cantiga francesa sobre a mãe Michel, que perdeu o seu gato.

Patrícia – Desculpa, hoje estou um bocado lenta... É que a minha mãe se chama mesmo Michelle! Por isso pensei que... Ela recolhe todos os gatos vadios do bairro. O problema é que não gostam de ficar em casa. Mais cedo ou mais tarde fogem pelos telhados.

Cristel – Como os homens.

Patrícia – Parece que sabes do que falas...

Cristel – Eu coleciono homens um pouco perdidos, daqueles que parecem não saber onde moram. É o meu lado Madre Teresa: acolho-os, trato deles, mimo-os... Começam a ronronar. Mas, mais cedo ou mais tarde, também eles entram pela porta e saem pela janela.

Patrícia – Sim... *(Olha discretamente para o relógio)* Não devo demorar muito, ainda estou no período de experiência...

Cristel – Também tenho de voltar. Mas podíamos sair para beber um copo uma noite destas, só nós as duas?

Patrícia – Porque não? Tenho estado livre como o ar desde há uns dias.

Cristel – Então houve um ex.

Patrícia – Mas desse liberei-me sem esforço. Parece que os homens se consomem de amor por mim.

Cristel – Que sorte...

Patrícia – Morreu carbonizado numa autoestrada.

Cristel – Lamento muito.

Patrícia – De qualquer maneira, nunca teria resultado. Era casado e muito caseiro.

Cristel – A vida está mal distribuída. Os homens caseiros nunca ficam em nossa casa... Bem, até à próxima.

Cristel sai. Patrícia fuma mais um pouco e sai também. Entra uma personagem, homem ou mulher. Descalça os sapatos, mocassins ou saltos altos, e aproxima-se da beira do palco como se estivesse à beira de um abismo. Entra outra personagem, também homem ou mulher, que fica perplexa.

Ângelo – Senhor Presidente...

O outro vira-se.

Presidente – Às vezes pergunto-me se não devíamos pôr fim a isto tudo. Nunca lhe acontece?

Ângelo – Parar de fumar, quer dizer?

Presidente – Francamente, para que serve tudo isto?

Ângelo – Não sei, Senhor Presidente...

Presidente – É a crise, meu caro. O mercado do calçado está em queda livre. A empresa está à beira do abismo. Só falta dar um passo.

Ângelo – Eu... Não seja tão pessimista, senhor presidente. Há sinais de recuperação.

Presidente – Sinais? Acha que há sinais de recuperação? Mas isso é febre, meu caro! Febre!

Ângelo – Não propriamente.

Presidente – Pois eu vou surpreendê-lo: acredito em Deus.

Ângelo – A sério?

Presidente – Só desde há pouco, atenção. Antes, como toda a gente, só acreditava nos índices bolsistas. Mas, depois das últimas eleições, tornou-se evidente.

Ângelo – Refere-se às eleições?

Presidente – Precisamente! Os políticos sucedem-se como os papas. Deviam ser numerados: primeiro, segundo, terceiro... Assim ao menos saberíamos de qual estamos a falar.

Ângelo – Realmente, seria mais prático.

Presidente – Os governantes chegam ao poder por graça divina, tal como os reis. Foi à conclusão a que cheguei. *(Solenemente.)* Deus existe, meu caro. E juro-lhe que está decidido a dar cabo de nós!

Afasta-se da beira do palco, descalço.

Presidente – Já ouviu falar das sandálias de Empédocles?

Ângelo – As sandálias de... Não, Senhor Presidente. Mas se quiser, posso estudar o assunto.

Presidente – Pois, meu caro, se um dia encontrar os meus sapatos à beira deste vulcão, saberá onde me encontrar.

Ângelo – Onde, Senhor Presidente?

Presidente – Lá em baixo, meu caro. No caldeirão dos infernos!

Ângelo – Claro, Senhor Presidente. *(O telemóvel toca)* Permita-me um momento, Senhor Presidente... Sim? Sim, sim... Ouve... Não posso falar contigo agora... *(Baixando a voz um pouco)* Estou com o Presidente... *(Enquanto fala, o Presidente afasta-se discretamente, deixando os sapatos lá.)* Ok, ligo-te dentro de cinco minutos...

Ângelo guarda o telemóvel. Sem ver o Presidente, inclina-se sobre a beira do palco e olha para baixo, perplexo.

Entra outra personagem, homem ou mulher, e começa a fumar. Ângelo vira-se, surpreendido.

Luca – Estás bem?

Ângelo – Eh... Sim, sim...

Luca – Em que é que estás a trabalhar?

Ângelo – Nas... Nas sandálias de Empédocles. Diz-te alguma coisa?

Luca – Já ouvi falar um pouco delas, sim.

Ângelo – E sabes a quem pertencem?

Luca – As sandálias de... dele, suponho.

Ângelo – De quem?

Luca – De Empédocles.

Ângelo – Ah sim, evidentemente.

Luca – Porquê?

Ângelo – Não sei... Um pressentimento... Não contes a ninguém, mas parece-me que as coisas vão subir.

Luca – Subir? As sandálias de Empédocles?

O outro volta a olhar para os sapatos.

Ângelo – Em contrapartida, aqui poderíamos ter um problema de liderança em breve. Se fosse a ti, vendia. Isto fica entre nós, claro...

O primeiro sai. O outro vê-o a ir-se, intrigado. Depois de um momento, vê os sapatos, aproxima-se e observa-os com perplexidade. Em seguida, aproxima-se mais da beira do palco e olha para baixo. Tira o telemóvel e marca um número.

Luca – Sim, sou eu. Ouve, podias vender todas as ações que temos em carteira de... *(Chega outra personagem, homem, e ele interrompe-se)* Espera, ligo-te depois...

Sai. O outro fica sozinho em cena.

Alain – Com ou sem filtro...

Chegam duas mulheres, uma loira e outra morena.

Alain – Loira... ou morena.

As duas mulheres continuam a conversa sem lhe prestar atenção.

Amália – Então eu disse-lhe, estás a gozar comigo?

Núria – E o que é que ele respondeu?

Amália – O que esperavas que respondesse?

Núria – Não respondeu nada?

Amália – E a ti o que disse?

Núria – O mesmo.

Amália – Não acredito!

Núria – A sério, juro-te.

Amália – Mas é incrível. A sério que ele te disse isso?

Núria – Fiquei de boca aberta.

Amália – Ah sim, claro, não me admira. Mas quem é que ele pensa que é?

Núria – Tem de ser posto no lugar de vez em quando, senão...

Amália – Ah não, juro-te, há vezes...

O tipo faz uma pose teatral para declamar em estilo shakespeariano.

Alain – Fumar... ou não fumar.

Finalmente, as duas mulheres veem-no e trocam um olhar de desconfiança.

Alain – Essa é a questão... Senhoras... Tenham um bom dia...

Elas esboçam um leve sorriso, mas não respondem. Alain sai.

Núria – Quem é esse? Conheces?

Amália – Já o vi uma ou duas vezes.

Núria – Ele pensa que é alguém importante, não é?

Amália – Pois é.

Núria – Acha-se o Alain Delon ou o quê?

Amália – Claro que não é o Alain Delon, pois não?

Núria – Sabes onde trabalha?

Amália – Acho que no quinto.

Núria – No quinto? O que fazem no quinto?

Amália – Não sei... Suponho que o mesmo que no sexto.

Núria – Ah, já percebi. Então ele acha mesmo que é...

Fumam um momento.

Amália – Bem, a verdade é que não está mal...

Núria – Já te digo.

Amália – Não é Alain Delon, mas...

Núria – É preciso ser realista, é pouco provável que vejamos Alain Delon por aqui algum dia.

Amália – Isso está claro...

Começam a ir-se.

Núria – E dizes que trabalha no quinto?

Amália – Acho que sim.

Núria – O Alain Delon não faleceu?

Saem. O Presidente regressa acompanhado por outro quadro da empresa, homem ou mulher. Continua descalço.

Sasha – É incrível. As ações da empresa caíram 20% em duas horas!

Presidente – Sim, eu sei.

Sasha – Não parece preocupá-lo...

Presidente – Uma queda nas ações também é uma oportunidade de compra. Comprei 10% da empresa quando as ações estavam no ponto mais baixo. *(Consulta o ecrã do seu telefone.)* Na verdade, as nossas ações acabaram de recuperar 15%.

O outro também olha para o ecrã do telefone.

Sasha – Aparentemente, era um boato sobre a morte do Presidente...

Presidente – Um boato sem fundamento, como pode verificar. Nunca me senti tão bem!

O outro olha-o com suspeita.

Sasha – Entendo... *(Nota que o Presidente está descalço.)* Mas, o que fez aos seus sapatos?

Presidente – Os meus sapatos?

O Presidente finge procurar os sapatos, que havia deixado intencionalmente antes na beira do palco.

Presidente – Aqui estão! Temia tê-los perdido para sempre.

Aproxima-se da beira do palco e coloca os sapatos. Depois dá um tapinha no ombro do outro.

Presidente – É um milagre, amigo. Acredite, Deus existe.

Saem. Entram duas personagens adicionais. O segundo está a rir e continuará ao longo de toda a cena.

Max – Pareces muito contente. O que te causa tanta alegria?

Pat – Não te disse?

Max – Não. Vais de férias?

Pat – Deixo a empresa. Definitivamente.

Max – Foste despedido?

Pat – Melhor que isso!

Max – Ganhaste o euromilhões?

Pat – Tenho uma doença genética raríssima. Os médicos levaram meses a descobrir qual era. Havia uma hipótese em vinte milhões de me acontecer, imaginas? A partir de hoje fico de baixa prolongada.

Max – Ah, já entendo a tua hilaridade. É muito melhor que ganhar o euromilhões, de facto.

Pat – Mas não é mortal, atenção! É só uma doença que... me deixa eufórico o dia inteiro.

Max – Ah, percebo...

Pat – Não paro de rir desde a manhã até à noite.

Max – Claro que no nosso trabalho pode ser incómodo.

Pat – Imagina-me a dizer a um cliente: «Este caixão é de carvalho maciço. É um pouco mais caro, mas é o melhor que temos...» e, logo a seguir, desatar às gargalhadas!

Max – Numa agência funerária, um ataque permanente de riso pode mesmo ser considerado uma doença profissional... E não consegues controlar-te?

Pat – É genético, digo-te. É uma doença órfã muito rara. Não tem tratamento.

Max – E a tua família, como está a lidar com isso?

Pat – Muito mal. Andávamos de relações cortadas há vinte anos, e agora passo os dias a rir. Com os amigos acontece o mesmo. Todos acham que estou a gozar com eles.

Max – E agora, estás mesmo a garantir que não te estás a gozar comigo, por acaso?

Pat – Não, garanto-te.

O outro guarda o cigarro eletrónico.

Max – Bem, já chega de risadas. Tenho de voltar ao trabalho. E acredita, não é para rir. Portanto, diverte-te, ok?

Pat – Mas espera...

Ele ri-se. O outro vai embora desconfortável. Chegam duas mulheres.

Isabel – O que é que aquele tem para se rir assim? Deve estar doente...

Carmen – No entanto, não há motivo para rir.

Pat prefere sair.

Isabel – Às vezes, juro-te, dá vontade de o matar.

Carmen – Quem?

Isabel – O chefe!

Carmen – Ah, sim...

Isabel – Sabes que ele fica de mau humor quando lhe digo que vou fazer uma pausa para fumar?

Carmen – Talvez esteja preocupado com a tua saúde.

Isabel – Sim, claro. Quem é que ele pensa que é? Até os condenados às galés tinham direito a descansar de vez em quando.

Carmen – Achas?

Isabel – Bem, também não somos escravos.

Carmen – Pois claro. (*Oferece-lhe um cigarro.*) Queres um?

Isabel – Não, obrigada, deixei de fumar.

Carmen – Deixaste de fumar?

Isabel – Sim... Também por isso é que estou um pouco nervosa, sabes?

Carmen – E ainda assim, continuas a fazer a tua pausa para fumar?

Isabel explode.

Isabel – Não me digas que tu também vais começar!

Carmen – O quê? O que é que eu disse?

Isabel – Não é porque eu tenha deixado de fumar que vou abdicar da minha pausa para fumar!

Carmen – Sim, não, mas eu não disse isso.

Isabel – A pausa para fumar é um direito, caramba!

Carmen – Sim, sim, claro. Com certeza. Sim.

Isabel – Bolas, estão todos a chatear-me!

Ela sai. A outra segue-a.

Carmen – Não, espera, podemos continuar a conversar...

Isabel – Se isto continua assim, volto a fumar. É isso que querem?

Saem. Entram duas personagens, homens ou mulheres, que começam a fumar.

Kim – Em que piso trabalhas?

Sam – No quinto...

Kim – Que empresa há no quinto?

Sam – A mesma que no quarto.

Kim – Ah, já percebi. Importação-exportação.

Sam – Neste momento, sobretudo importação.

Kim – Sim. Afinal, o que é que ainda podemos exportar?

Sam – Pois...

Kim – Não sei...

Sam – Talvez os nossos políticos. Esses temos de sobra.

Kim – É verdade, desses não temos falta, ao contrário do petróleo.

Sam – Os senadores são a única fonte de energia simultaneamente fóssil e renovável.

Kim – Neste país, os políticos são como o gás de xisto: temos enormes reservas, mas não podemos tocar em nenhum. E nem sequer percebo para que servem muitos deles.

Sam – Para eleger os outros, suponho.

Kim – Demasiados cargos políticos acabam por matar a democracia... E que produtos importam?

Sam – Um pouco de tudo. Mas estamos especializados em produtos financeiros.

Kim – Produtos financeiros?

Sam – Importamos capitais.

Kim – Para quê?

Sam – Para pagar os outros produtos que importamos.

Kim – Ah, está bem... Mas com o que pagamos esses capitais que importamos?

Sam – Agora há vários termos muito técnicos para designar esse tipo de produtos na linguagem financeira, mas basicamente, podemos chamá-los de reconhecimentos de dívida.

Kim – Então, na realidade, importamos tudo o que consumimos e o único produto que exportamos são as nossas dívidas.

Sam – Exatamente.

Kim – Mas por que é que todos esses países que nos sustentam compram as nossas dívidas?

Sam – Para que tenhamos com o que pagar-lhes. Caso contrário, não poderiam exportar. Seria o colapso do sistema.

Kim – Percebo... Mas então porque é que esses países pobres não consomem o que produzem, em vez de exportarem para países ricos que não têm dinheiro para lhes pagar?

Sam – Porque precisamente são países pobres. O nível de vida é muito baixo e as desigualdades são muito marcadas. Não há classes médias, portanto, não há mercado interno. E, claro, os trabalhadores não têm dinheiro para comprar o que produzem.

Kim – É um pouco paradoxal, não?

Sam – É assim mesmo... Qualquer economista te dirá o mesmo.

Kim – Pergunto-me por que ainda não tivemos a ideia de guilhotinar alguns...

Sam – Oh là là! És um alterglobalista, não é?

Kim – É o meu lado Che Guevara...

Sam – E tu, em que piso trabalhas?

Kim – No décimo terceiro. Trabalho para uma ONG.

Sam – Pensei que este edifício só tinha doze andares.

Kim – Sim, sim, é verdade. Mas trabalho numa ONG fictícia.

Sam – Ah, está bem...

Kim – Na verdade, tenho de voltar.

Entra uma mulher idosa, com um aspeto que faz lembrar a própria Morte.

Sam – Quem é ela?

Kim – É a dona. Raramente se deixa ver por aqui.

Sam – A proprietária desta torre?

Kim – Da torre, sim. E de todas as empresas que alberga.

Sam – Inclusive as empresas fictícias...

Kim – É a acionista maioritária do grupo que é dono disto tudo. Antes pertencíamos a fundos de pensões... mas agora que acabaram com as pensões...

Sam – Então trabalhamos todos para ela?

Kim – Sim.

Sam – Espero que ao menos valha a pena...

Ele vai-se. O outro segue-o. Entram duas personagens.

Jo – Tens notícias dele?

Nic – Morreu.

Jo – Merda. Então não era tão leve afinal. Não sabia que se podia morrer de riso.

Nic – Na verdade, morreu de exaustão. Estava sacudido por uma risada incontável o dia todo. E também à noite. Já não conseguia dormir. Foi o coração que não aguentou. Não pôde aproveitar muito a sua baixa médica.

Jo – E os médicos não conseguiram fazer nada para salvá-lo?

Nic – Tentaram de tudo para que ele parasse de rir. Até o levaram ao teatro. Mas a doença já estava demasiado avançada...

Ouve-se, ao longe, um alarme de incêndio. Entra uma terceira personagem, aflita e em roupa interior.

Mat – Há um incêndio no rés-do-chão!

Jo – Um incêndio?

Mat – Trabalho no primeiro andar, mas subi ao sétimo porque... Bem, preferi refugiar-me no último andar. Talvez nos resgatem de helicóptero antes que o fogo chegue aqui.

Nic – Vês televisão a mais...

Mat – Meu Deus, deixei todos os meus arquivos no escritório! E a empresa para a qual trabalho também não está bem. O preço das ações está em queda livre...

Jo – Embora, se todos morrermos carbonizados...

Nic – Se quiseres, podemos gravar na tua sepultura o logotipo da tua empresa, com a inscrição "morto pelo sistema financeiro".

Mat – Tens razão... Se sairmos disto, asseguro-te que já não vou levar tudo tão tragicamente... Afinal, só se vive uma vez, não é?

Jo – Excepto os gatos, que têm sete vidas...

Nic consulta uma mensagem acabada de chegar ao telemóvel.

Nic – Acabei de receber uma mensagem de um colega que trabalha no primeiro andar.

Mat – Os bombeiros foram avisados?

Nic – É só um simulacro de incêndio.

Mat (*fazendo o sinal da cruz*) – Graças a Deus...

Jo – Sim... Quase poderíamos falar de um milagre...

Mat – Tenho de voltar imediatamente. O meu chefe vai perguntar onde estive.

Mat sai.

Nic – O dia-a-dia apanha-nos rapidamente...

Jo – Sim.

Nic – Devíamos ter-nos revoltado logo no infantário.

Jo – Sim... Jesus Cristo também devia ter-se revoltado.

Nic – Devia ter mandado os pais dar uma volta, despachado os Reis Magos e fugido montado no burro.

Jo – Mas ele tinha superpoderes.

Nic – Pois. Nós é que não.

Jo – Por isso, desde o infantário, ficámos caladinhos.

Nic – Depois seguimos para a escola.

Jo – Percebemos que já nos aborrecíamos a tempo inteiro, mas dissemos a nós próprios que tudo melhoraria quando acabássemos os estudos.

Nic – E depois começámos a trabalhar, convencidos de que tudo melhoraria quando nos reformássemos.

Jo – E foi então que eliminaram as pensões.

Preparam-se para sair.

Nic – E a propósito, o que pensas da recém-chegada?

Jo – A recém-chegada?

Nic – Não me digas que não a notaste...

Saem. Entra uma personagem sozinha.

Ben – Não foi nenhum simulacro. Fui eu que tentei fumar um charro às escondidas na casa de banho, como nos tempos da escola. Nessa altura, o único detetor de fumo era o contínuo. Agora é o Grande Irmão, com sensores em todo o lado. E aqui estamos: nesta idade, ainda temos de nos esconder para fumar.

Acende um charro e fuma.

Ben – Que merda... Não estava à espera de ganhar a lotaria. Nem sequer jogo. E, além disso, ganhar a lotaria é sorte a mais, é receber alguma coisa sem a merecer. Eu só queria um pequeno empurrão do destino. Um golpe de sorte que tornasse a vida um pouco mais fácil. Nada de exageros, para ainda poder dizer que fiz por merecê-lo. Mas a sorte não existe. Ou talvez eu não tenha sabido aproveitar a minha oportunidade. Por isso fumo. Para ver a vida cor-de-rosa.

Entra outra personagem.

Ben *(oferecendo-lhe o charro)* – Queres?

Charlie – Obrigado, deixei. *(Começa a vapear)* Em que trabalhas?

Ben – Faço várias coisas. Mas, no geral, diria que estou metido na merda. E tu?

Charlie – Sou... quer dizer, era contabilista. O meu chefe acabou de me apanhar com a secretária dele na casa de banho do escritório.

Ben – O regulamento da tua empresa proíbe que te deites com a secretária do patrão?

Charlie – Só se o patrão já se deitar com ela.

Ben – Já percebi. Direito de preferência. Então despediram-te.

Charlie – Sem pré-aviso. Tenho de esvaziar a minha secretária até ao fim do dia.

Ben – E o que vais fazer?

Charlie – Sabes quê? Acho que este despedimento é uma oportunidade para mim.

Ben – Ah, sim? És dos que veem sempre o lado positivo...

Charlie – Nunca teria tido coragem de me demitir. Vou criar a minha própria empresa.

Ben – Uma empresa de contabilidade, suponho.

Charlie – Quando se sai da prisão, não se sonha ser guarda prisional. Não, vou abrir um restaurante. Sempre quis ter um, embora nem sequer saiba cozinhar.

Ben – Ah, sim. Mas saber cozinhar sempre ajuda quando se quer abrir um restaurante...

Charlie – Trabalhas na restauração?

Ben – Em informática.

Charlie – Então percebo que precisas de fumar isso...

Ben – Informática e liberdade. Trabalho na proteção de dados.

Charlie – Que curioso... «Informática e liberdade». Há palavras que, juntas, parecem contradizer-se.

Ben – Às vezes pergunto-me se não devia ficar só com a liberdade.

Charlie – Vou precisar de um cozinheiro. Sabes cozinhar?

Ben – Sei fazer massa.

Charlie – Podíamos abrir um restaurante italiano.

Ben – E onde é que vais abrir esse restaurante?

Charlie – No Sul... Já agora... Conheces a canção: se tenho de acabar na miséria, ao menos que seja ao sol.

Ben – Além disso, se abrires um restaurante, ao menos tens a certeza de que não morres de fome.

O outro prepara-se para ir embora.

Charlie – Vamos lá, vou meter todas as minhas coisas de escritório numa caixa, como nas séries americanas, e vou-me embora.

Ben – Vou descer contigo...

Charlie – Para o Sul?

Ben – Para o elevador, para começar.

Saem. Chegam um homem e uma mulher. Vapeiam um momento em silêncio.

João – Então, tudo bem?

Célia – Bem.

João – Queres ver um filme?

Célia – Esta noite?

João – Claro, esta noite.

Célia – O que está em cartaz?

João – Não sei, temos de ver o que está em cartaz. Depois vejo.

Célia – Se quiseres, depois podemos ir jantar.

João – OK.

Célia – Também podemos comer em casa.

João – Está bem.

Ele aproxima-se da beira do palco e olha ao longe.

João – Nunca tinha reparado que daqui se vê a torre onde vivemos.

Célia – Não?

Ela aproxima-se.

João – Sim, olha, logo do outro lado da avenida.

Célia – Não vejo...

Ele aponta com o dedo.

João – À direita da central térmica. Aquela torre com o telhado cheio de antenas. É a nossa casa!

Célia – Ah, sim, tens razão. É curioso.

João – Sim.

Observam o cenário em silêncio por um momento.

João – Pergunto-me se não devia mudar de trabalho.

Célia – Ah, sim? Talvez...

João – Sempre quebrava um pouco a rotina.

Célia – Mas quando dizes mudar de trabalho...

João – Ah, não, vou ficar no mesmo setor, fica tranquila.

Célia – Queres dizer mudar de empresa.

João – Um colega avisou-me que acabaram de abrir um posto de informático na empresa onde ele trabalha.

Célia – Ah, sim? E onde fica?

João – No terceiro andar.

Célia – Ah, está bem...

João – Podemos fazer os nossos intervalos juntos.

Célia – Se achas que é melhor.

João – Bom, vamos voltar.

Célia – Está bem...

Saem. O Presidente regressa acompanhado por outra personagem, homem ou mulher.

Presidente – Então, velho amigo, o que vai fazer agora que está reformado?

Dany – Oh, já sabe, não vou ter tempo para me aborrecer.

Presidente – Acredita mesmo nisso?

Dany – Vou fazer tudo o que não tive tempo de fazer até agora.

Presidente – Ah, sim? Como o quê, por exemplo?

Dany – Não sei...

Presidente – Ir pescar?

Dany – Por que não, sim...

Presidente – Vai aborrecer-se de morte, vai ver.

Dany – No início, talvez um pouco.

Presidente – O trabalho vicia mais do que o tabaco. Nunca devíamos começar. Depois já é tarde demais.

Dany – Então vou encarar a reforma como uma desintoxicação.

Presidente – A reforma não deveria existir. Na verdade, quase já não existe. Talvez seja o último a beneficiar desta aberração.

Dany – Acredita nisso?

Presidente – Hoje as pessoas vivem mais de cem anos e morrem de ótima saúde. Sente-se velho?

Dany – Meu Deus...

Presidente – Já não tem a energia de um jovem de vinte anos e custa-nos muito mais, mas podíamos arranjar-lhe um emprego subalterno, pago pelo salário mínimo, para acabar a carreira neste mundo. Ou então trabalho voluntário. Não queria ajudar na cantina? Estamos com falta de gente para lavar o chão.

Dany – Pois...

Presidente – Mas estou a brincar! Acredita em tudo o que lhe dizem, não é? (*O Presidente aproxima-se da beira do palco.*) Há uma vista magnífica daqui, nunca tinha reparado...

Dany aproxima-se pelas costas, de braços estendidos, como se o quisesse empurrar. Mas o Presidente volta-se e interpreta o gesto como uma tentativa de o abraçar.

Presidente – Vá lá, meu caro, não se emocione tanto.

Abraça-o por um instante.

Presidente – Vamos sentir a sua falta. Já não se encontram pessoas como o senhor, felizmente. Aproveite a reforma, que já nos sai bastante cara.

Dany – Obrigado, senhor presidente.

O Presidente começa a afastar-se.

Dany – Senhor presidente!

Presidente – Sim?

Dany – Merda!

Presidente – Como no teatro, então? Obrigado pelos votos, velho.

O Presidente sai.

Dany – Nem consegui dizer merda antes de ir embora...

Sai. Entram duas personagens, homens ou mulheres. Começam a vapear.

Micky – Há quanto tempo trabalhas aqui?

Rafa – É o meu primeiro dia. E tu?

Micky – Também é o meu primeiro dia. E acho que vai ser o último.

Rafa – Estás a prazo?

Micky – Não, acabei de mandar o meu chefe à merda.

Rafa – Devias ter esperado pelo fim do período experimental.

Micky – Não é o meu estilo esperar. Sou impulsivo.

Rafa – E agora, o que vais fazer?

Micky – Talvez vá para o estrangeiro.

Rafa – Ah, é? Para onde?

Micky – Não sei. Talvez para a China.

Rafa – Falas chinês?

Micky – Vou aprender. A China é onde tudo está a acontecer agora, não é?

Rafa – Sim, talvez.

Micky – Queres almoçar comigo? Vou gastar os meus últimos vales de refeição...

Rafa – Está bem.

Micky – Vamos comer comida chinesa.

Rafa – Assim podes começar a aprender o idioma.

Saem. Chegam outros dois e começam a fumar.

Fred – Como vai?

Al – Bem... Bom, na verdade, não...

Fred – O que se passa? Problemas pessoais?

Al – Bem, não. Não tenho problemas pessoais. Na verdade, não tenho vida pessoal.

Fred – Então, o que te acontece?

Al – Não sei... Uma sensação de vazio... A sensação de não estar no meu lugar... Sinto que enquanto estou aqui, a minha vida está a acontecer noutro lugar. Sem mim. Já alguma vez sentiste isso?

Fred – É só uma fase má. Devias ir ao médico, ele há de receitar-te alguma coisa. Não convém brincar com estas coisas.

Al – Para isso, posso tranquilizar-te de imediato. Já não jogo há muito tempo. Aliás, nem me lembro da última vez que ri.

Fred – Então que vais fazer? Não te vais pôr a fazer nenhuma loucura, pois não? Quero dizer... como despedir-te?

Al – Não sei... A vida é curiosa. No início, pensamos que temos problemas, mas que vamos resolvê-los um por um, e que depois estaremos tranquilos. E depois, damos conta de que uma vez resolvidos esses problemas, surgem outros. E sempre haverá mais problemas para resolver. O tempo passa e a partir de certa idade, começamos a pensar que todos esses problemas, um dia, já não serão nossos. Porque simplesmente não estaremos aqui. Acho que já alcancei essa idade. Não traz serenidade, mas permite certa distância. Sabias que morreu o encenador Chéreau?

Fred – Não me digas que é isso que te deixa assim... Conhecias o homem?

Al – Não.

Fred – Não sabia que te interessavas tanto por teatro.

Al – Mas eu nunca vou ao teatro.

Saem. Chegam outros dois.

Mok – Ouviste? Morreu Patrick Chéreau, o encenador.

Zac – Patrice.

Mok – O quê?

Zac – Patrice Chéreau.

Mok – Cancro do pulmão. O tabaco é uma autêntica porcaria. Ao Gainsbourg aconteceu-lhe algo semelhante. Se tivesse levado uma vida mais saudável, talvez ainda cá estivesse.

Zac – E se Hendrix tivesse tocado violino numa orquestra sinfónica, talvez também ainda cá estivesse.

Mok – Pergunto-me o que estaria a fazer agora...

Zac – A jogar Scrabble num lar com Jim Morrison, James Dean e Janis Joplin.

Mok – É verdade, seria estranho... Achas que vale a pena deixar de fumar?

Zac – Esses já tinham chegado ao topo da sua arte. Nós ainda nem descobrimos em que poderíamos ser bons.

Mok – Se fôssemos génios, provavelmente já saberíamos.

Zac – Cervantes escreveu o Dom Quixote depois dos cinquenta. Ainda há esperança.

Mok – Quer dizer que é preciso ser um génio para ter direito a arruinar a saúde?

Zac – Que queres que te diga? Há quem nasça para perder.

Saem. Entram um homem e uma mulher.

Gina – Já não fumas?

Alain – Não, parei.

Gina – Está bem.

Alain prepara uma linha de cocaína e aspira-a.

Alain – Em compensação, voltei à cocaína.

Alain sai. Gina fica em cena. Entra outra mulher.

Branca – Olá.

Gina – Olá.

Branca – Não consigo deixar de fumar.

Gina – Eu também não.

Branca – É o trabalho. Deixa-me em stresse, por isso fumo para descontraír.

Gina – Então devias deixar era o trabalho.

Branca – É possível. Mas não sei se me custaria ainda mais deixar de trabalhar.

Gina – O trabalho é uma droga pesada. Devia ser proibido.

Branca – Sim. E tu, em que trabalhas?

Gina – Contencioso... *(Perante o ar intrigado da outra.)* Cobrança de dívidas, esse tipo de coisas.

Branca – Genial. Gostas?

Gina – Desde pequena que sonhava perseguir pessoas endividadas e sacar-lhes as últimas poupanças para pagarem empréstimos de coisas de que não precisam.

Branca – Já percebo...

Gina – E tu? Também trabalhas para o bem da Humanidade?

Branca – Sou consultora bancária. Devia ser proibido chamar «consultores» a quem apenas vende produtos financeiros. Não estamos lá para aconselhar, mas para vender.

Gina – Sim... O meu fornecedor de internet liga-me todas as noites para saber se preciso de alguma coisa... É o único, de facto...

Branca – Já viste a quantidade de empresas de serviços ao domicílio que estão a aparecer, ao lado das lojas de cigarros eletrónicos?

Gina – O que são os serviços ao domicílio?

Branca – Limpeza, cozinha, conversa...

Gina – Então, agora para falar com alguém, há que pagar.

Branca – Fica tranquila, comigo é grátis. Por enquanto.

Gina – Lembras-te de quando os bancos e muitos serviços essenciais eram públicos?

Branca – Era demasiado nova, mas já ouvi falar disso.

Gina – Dizem que até havia um ministério encarregado de planear a economia.

Branca – Antes da queda do Muro do Atlântico? Quando este país parecia comunista?

Gina – E era governado por um general.

Branca – Até as autoestradas com portagem eram serviços públicos. Ao menos sabíamos quem nos andava a roubar.

Gina – Vivemos tempos estranhos...

Branca – Bem, tenho de voltar ao trabalho. Obrigada, falar contigo animou-me.

Saem. António regressa. Clara aparece pouco depois.

Clara – Ainda estás aqui?

António – Ninguém me espera em casa. Pelos vistos, a ti também não.

Clara – Não.

António – Mas é a última vez que faço horas extraordinárias. Ainda tenho uns processos a fechar antes de sair.

Clara – Ir embora?

António – Hoje apresentei a minha demissão.

Clara – Espero que não seja por minha causa.

António – Por que seria por tua causa?

Clara – Para não trabalharmos na mesma empresa, caso um dia acabemos na cama? Nesse caso, não era preciso. Era um risco bastante improvável.

António – Tens assim tanta certeza de que nunca vamos dormir juntos?

Clara – Até porque sou trabalhadora temporária. O meu contrato termina esta noite...

António – Portanto, vamos os dois ficar desempregados.

Clara (*irónica*) – Já nada se opõe ao nosso amor...

Ele beija-a e ela deixa-se levar.

António – Modernizei um pouco as minhas técnicas de engate. E deixei de contar piadas.

Clara – Já vejo que agora falas a sério.

António – Digamos que sou um pouco mais direto.

Clara – Não me desagrada.

António – Está a anoitecer. Daqui a pouco já se veem as estrelas.

Clara repara em algumas placas fixadas numa das paredes do terraço, que podem permanecer invisíveis.

Clara – O que são essas placas com essas inscrições?

António – Ah, não sabias? É verdade, és temporária. São epitáfios.

Clara – Epitáfios?

António – Há empresas que têm creches para os filhos dos funcionários. Os donos desta torre oferecem aos trabalhadores um jardim da memória, para as cinzas dos falecidos.

Clara – Um jardim da memória...

António – Um terraço da memória, se preferires. As famílias podem espalhar as cinzas dos seus mortos do alto do edifício. Se não quiserem, o chefe trata disso.

Clara – E este terraço da memória também serve de zona para fumadores...

António – Com o preço dos imóveis na cidade... Assim, os nossos queridos fumadores falecidos continuam a ter direito à sua pausa.

Clara – Uma pausa definitiva.

António – O tabaco contribuiu amplamente para a solução definitiva do problema das pensões...

Clara – E o cemitério tornou-se uma dependência do escritório. O que dizem aquelas lápides?

António aproxima-se para ler algumas.

António – Vejamos... (*Lendo.*) «Não estou, mas podem deixar mensagem»... «A mudança começa agora»... «Amanhã deixo de fumar»...

Clara – Edificante...

António – Escuta esta, parece um aforismo: «Ao contrário das partículas, os testículos não podem estar em dois sítios ao mesmo tempo»...

Trocam um olhar.

Clara – É verdade que o lugar é muito romântico, mas talvez não devêssemos ficar aqui muito tempo.

António – Posso fumar um último cigarro?

Clara (decidida) – Se queres seguir-me, é agora.

António – Está bem. (*Dirigem-se para a saída*) Onde vives?

Clara – Mesmo ao lado. Queres tomar algo em casa?

António – Está bem. Mas aviso-te: nunca durmo com ninguém no primeiro encontro.

Clara – Lá estás tu outra vez com as tuas piadas.

Saem. Chega uma personagem (homem ou mulher). Vapeia um momento antes de se dirigir ao público.

Personagem – Este é o meu último cigarro. Acabou. Vou deixar de fumar. Não sei porque estou a contar-vos isto. De qualquer forma, amanhã já não cá estarei. Hesitei durante muito tempo, mas acabei por me decidir. Nunca é a altura certa, não é? Nem todos os dias é fácil encontrar uma boa razão para continuar. Mas acreditem, ainda é mais difícil parar assim, sem uma razão. Não sei como há pessoas que conseguem deixar um bilhete. Uma carta de demissão. O que esperam? Um pouco de compreensão? Vou-me embora em silêncio. Que poderia eu dizer-lhes? O que poderiam compreender? Nem eu me compreendo a mim próprio. A vida também já não me compreende. E se me respondessem? Que resposta se pode dar a quem já partiu? Vou-me embora sem dizer uma palavra. Sem pré-aviso. Deixo o meu lugar. Porque serei substituído, claro. E vocês também. Não tenham ilusões. No meio da multidão, ninguém é insubstituível. Quando alguém sai, outro ocupa o seu lugar. Aqui ou noutro sítio. Logo a seguir ou passado algum tempo. *(Apaga o cigarro ou guarda o vaporizador.)* Não, se pudesse dizer-vos alguma coisa antes de partir, diria apenas: não se preocupem, vou perder-me na multidão. Já não estou aqui. *(Uma pausa.)* Não é a morte. É apenas uma nova vida que começa...

A personagem sai.

Entra uma mulher vestida de Mãe Natal. Acende um cigarro ou começa a vapear. Entra um homem, que a vê primeiro de costas e julga tratar-se do Pai Natal. Quando ela se volta, fica ainda mais surpreendido.

Homem – Bom dia...

Mãe Natal – Olá.

Homem – Tu...?

Mãe Natal – Vim para a festa de Natal.

Homem – A festa de Natal...?

Mãe Natal – A festa de Natal da empresa. Suponho que trabalhas aqui.

Homem – Ah, pois... A festa de Natal... Nem sabia que ainda se fazia. Com tantas regras sobre a neutralidade religiosa...

Mãe Natal – Não tens filhos...

Homem – Não tive tempo, infelizmente. Talvez daqui a vinte ou trinta anos... Se o seguro de saúde da empresa me pagar a congelação do esperma até à reforma. E tu?

Mãe Natal – Contratam-me em anos alternados para a festa de Natal da empresa. No resto do ano faço teatro. Mas bem sabes como está a profissão...

Homem – Pois, é preciso ganhar a vida... E não tens barba?

Mãe Natal – Preferias que tivesse barba?

Homem – Não, não... Estás ótima assim. Mas porquê ano sim, ano não?

Mãe Natal – Por causa da paridade.

Homem – Da paridade?

Mãe Natal – Para combater o sexismo, a comissão de festas decidiu que, um ano sim, outro não, o Pai Natal seria uma mulher.

Homem – Ah, está bem...

Mãe Natal – Pensando bem, não há razão para que só os atores homens possam arranjar um trabalho temporário na época das festas.

Homem – Admito que nunca tinha pensado nisso.

Mãe Natal – Entre as festas das empresas, os grandes armazéns e os eventos privados, esta época é muito importante para quem vive do espetáculo. No ano passado, esses trabalhos permitiram-me manter o meu estatuto profissional de atriz.

Homem – Como Mãe Natal?

Mãe Natal – Como atriz!

Homem – Claro...

O homem começa também a vapear.

Homem – E tu, tens filhos?

Mãe Natal – Tenho milhares...

Homem – Um problema quando descongelaram os teus óvulos, talvez?

Mãe Natal – Eu sou a Mãe Natal! Todas as crianças são meus filhos!

Homem – Entendo...

Fumam durante um instante.

Homem – E... há um Pai Natal?

Mãe Natal – Não me digas que, na tua idade, ainda fazes essa pergunta...

Homem – Quero dizer, quando chegas a casa, está lá um Pai Natal à tua espera, na cabana dele, com quem divides as tarefas domésticas segundo as regras mais rigorosas da igualdade?

Mãe Natal – Não. Já que queres saber, não está ninguém lá em baixo à minha espera com um trenó. Para mim, o Pai Natal não existe...

Homem – Engraçado... Da primeira vez que me disseram isso, fiquei desolado. Hoje até me parece uma boa notícia...

A Mãe Natal apaga o cigarro ou guarda o vaporizador.

Mãe Natal – Tenho de acabar de decorar a árvore. Depois ainda tenho uma hora de comboio até casa...

Homem – Tenho o carro lá em baixo. Também vou sair daqui a pouco. Posso dar-te boleia, se quiseres. Fica-me a caminho.

Mãe Natal – Mas eu nem sequer te disse onde moro.

Homem – E, no entanto, já sei que me fica a caminho.

Mãe Natal – A magia do Natal...

Saem juntos. Música à escolha. Todo o elenco regressa ao palco, como mortos-vivos, para uma coreografia ao estilo de «Thriller», de Michael Jackson, reinterpretada como um flash mob.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Junho de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-235-7

Documento para download gratuito